INSANO

Etna Equissi

Recuso-me acreditar que estou neste lugar! As paredes parecem colchões e o tecto, uma enorme espiral de cor preta e cinza, que aos olhos nus dá uma sensação de infinita ondulação, provocando tontura e loucura a qualquer ser humano. Essa é a estratégia deles para manipular o meu cérebro e fazer-me acreditar que não passam de ilusões. Por sorte ainda te tenho a ti, fiel amiga e companheira. Não há nada que dure para sempre, eu sei que um dia sairei deste lugar e caso não aconteça, já sabes o que houve.

Semana passada recebi 13 cartas sem remetente, estavam todas

endereçadas a mim. Uma a uma li e reli para ter a certeza do que se tratava. Eram cartas da nossa falecida avó. Escrevera que a cada dia mais lúcida estava, porém precisava ser silenciada pela minha família, pelos meus próprios pais. Insanos! Custa-me acreditar que aqueles dois seres vivos eram meus progenitores. Diferente de mim, a minha irmã mais velha era a detentora da verdade e de todas as teorias perfeitas para consumar os meus dias neste local distante de tudo e de todos. Nem sei em qual parte de Angola me encontro. Ando perdida no tempo e no espaço.

No total contei 117 dias e noites, desde que acordei nesse local desconhecido. A cada quinze dias trazem-me um caderno onde devo

relatar com nudez o pesadelo que é estar presa sem ser criminosa, tudo porque eles acham que sou igualmente louca. Como se fosse uma repetição do que lera na carta. Cambadas trajados dos mais solenes fatos e vestidos, cuja sentença da vida nos selou como parentes.

Firmino Cavaleca, meu pai, detinha a autoridade máxima da família, não apenas por ser o patriarca, mas também por ser um dos homens mais ricos da cidade. De altura média, tez clara e fartas barbas. Carregava sempre um estetoscópio sobre o pescoço, vinte e quatro horas por dia, era médico ginecologista no hospital Santa’arte de Cristo. Todos adoravam o seu sorriso e o seu jeito angelical de ser, todos menos eu, que desde os doze

anos fora submetida à exames frequentes à minha vagina com um fim absurdo: comprovar se me mantinha virgem (ao menos era o que ele alegava).

Ele, como um psicopata, proibia-me de dizer a verdade à mãe, dona Josefina Cavaleca, mulher alta, com um corpo robusto que resistia aos violentos embates do tempo. Ela via tudo, menos a realidade flagrante por baixo dos seus olhos, ali mesmo na nossa casa.

Não sei se era tradição, mas após cada consulta, o velho tirava do bolso da sua bata um creme, um *pirulito* no formato de uma espiral, de várias cores. Aquele doce era diferente de todos os que alguma vez chupara, eu não conseguia resistir. Mas após devorá-lo, sentia-

me cansada e com sono. Quando dava por mim, acordava na cama, com a roupa interior virada ao avesso. Procurava uma explicação lógica, mas os meus neurónios estavam cansados e confusos demais para solucionar a equação.

Conversei com a Fina sobre o sucedido, mas ela chamou-me de louca, segundo ela o seu esposo seria incapaz de tocar em sua própria filha com outras intenções. Falei por sete vezes lembro, a oitava o que ditou a minha viagem para viagem incerta e submetida a sedativos contantes. Naquele dia gritei, mas não fui ouvida, gritei e chorei. Foi aí que os pesadelos começaram. As minhas noitesnunca mais foram as mesmas.

À noite me recusava a deitar na cama, isolava o meu corpo no recanto e apoiava as minhas mãos sobre os joelhos. Na minha mente, como um refúgio, a voz da minha avó cantarolando *Ixi Yeto Yatuluka*, Filipe Mukenga, música que adorava quando eu era ainda bebé. Às vezes, no intervalo do ritmo sorria, sorria e dizia: se porventura quiseres aprender, deves crescer e observar a vida e as suas lições.

Um dia, enquanto dormia, sentia um clima pesado no quarto, mesmo no sono relutava. Quando tentei abrir os olhos, estava tudo escuro. Não sabia como descrever aquela sensação, todavia, meu corpo sobreaquecia e tremia ao mesmo tempo. Quis destapar-me, mas não conseguia, uma força imobilizava-me os

membros e deixava-me à mercê dessa estranheza.

Eu enxergava apenas escuridão, mas, num súbito algo mudou. Pude ver um rosto, como um vulto, mas vi, parecia ele, não, era ele, mas me recusava a acreditar que fosse. Queria acreditar que era apenas construção da minha mente, em vão eram as desculpas que dava a mim mesma. A imagem era embaçada, era um ser negro, como um abismo.

Na manhã seguinte acordei sem as roupas interiores, as minhas suspeitas eram reais. Pulei da cama, verifiquei as cobertas, tentando encontra-las, mas sem sucesso.

Escrevi uma carta endereçada à Fina, mas rasguei-a com todo o ódio que tinha no coração. Sei que ela

nunca acreditaria. Se nos primeiros acontecimentos duvidaram de mim, imagina então com esses?

Cavaleca fazia questão de dizer com toda a arrogância que era a minha maneira de lidar com o passamento físico de minha única amiga, a minha avó Luna Miluna. Ela não estava morta, eu sabia, mas o que podia eu fazer? Com dezasseis anos não deverias estar a afirmar tamanho absurdo, sua feiticeira!, diziam eles.

A minha vida era um pedaço do céu e um imenso pedaço do inferno. O único pedaço do céu que tinha eram as lembranças das cartas. Saber que a minha amiga deixou-me as suas confissões como lembrança, como se ela me impulsionasse a lutar para desmascarar esse lobo nas vestes de um manso cordeiro.

Na primeira carta de Luna Miluna podia se ler a sua realidade, que não fugia da minha, apenas em diferentes épocas. Seus pais eram iguais aos meus, a nossa única diferença era que ela tinha um irmão ao invés de uma irmã. Ela era cobaia do pai, médico veterinário que ganhara um prémio com as experiências macabras realizadas à filha com intuito de descobrir a cura de uma doença causada por parasitas na pele dos animais. Como consequência, Luna Miluna perdera a fala e a sensibilidade. Não sentia dor física, mas a sua alma ardia toda vez que era levada para o laboratório do pai para suas experiências bizarras.

A mãe falecera no parto do irmão, que também morrera de pólio um

ano depois, deixando Luna Miluna só com o pai.

Luna detinha uma inteligência fora do normal, aprendera a ler e a escrever com dois anos. Nunca pisou sequer em uma escola, aprendera com o pai, os poucos momentos que lhe dedicava a ensinar-lhe as letras e as suas composições. Luna era um génio, mas as pessoas daquela época chamavam bruxos a quem detinha tamanho conhecimento. Então ela escolheu o silêncio para proteger-se.

Em sua segunda carta, ela conta que perdera a virgindade no consultório do pai e ficara grávida depois de vários envolvimentos. Aguentou de boca fechada durante os nove meses de gravidez e guardou segredo até

nos primeiros anos do filho, Firmino Cavaleca, meu pai.

Na Terceira carta, ela falou dos seus pesadelos com criaturas estranhas; corpo de palhas, braços de vassoura, figuras que tinham vida própria e assombravam as suas noites durante cinco anos, até a morte misteriosa do pai, Justino Cavaleca. Ainda escrevera que seu filho, assim como ela, tinha um conhecimento profundo sobre o corpo de mulheres. Segundo ela, o mesmo via espíritos de mulheres nuas a dançar e a cantar nas margens do rio tewa-tewa, sempre que iam lavar a roupa. O menino apontava para uma pedra, mas ela nada via. E os anos foram se passando até o mesmo se formar em enfermagem e optar por Genecologia

e Obstetrícia pela Universidade Piajet, posteriormente.

Casou e teve duas filhas, eu fui chamada de Lana Lina e a minha irmã Marta Josefina. Luna Miluna dizia que tínhamos uma conexão, que em breve eu desvendaria.

Em um belo dia, tinha eu 16 anos, Cavaleca chamou Marta e eu e disse-nos que Luna Miluna havia partido para o além, vítima de um AVC. Era dia de consulta de rotina e ele não aceitou que eu fosse com ela. Hoje, analisando tudo, vejo que o desaparecimento dela fazia parte do plano dele.

Insano, descobri depois que Luna também o chama assim e o comparava com criaturas que de noite vinham e invadiam os seus

sonhos, transformando-os em pesadelos. Tais criaturas eram ele mesmo, Luna sabia. Luna Miluna era uma mulher de orações, aprendera a interceder vigorosamente a Deus dois anos apos a morte do seu pai. Conseguira afugentar as criaturas sempre que as mesmas quisessem ter relações sexuais com ela. Foi assim durante dezasseis anos.

Em sua última carta, Luna Miluna dizia persentir o seu fim, que o casal estava prestes a romper o escudo de protecção que ela carregava, que passou posteriormente para mim, um medalhão com a sua foto e dois fios de seu cabelo cravado e enrolado no lado oposto. De onde ela tirara? Segredo não revelado.

Desde a primeira consulta, Cavaleca arrancou de mim e colocou-o em

uma porta moedas no formato de uma espiral preta e cinza bordada no centro. Agora, as coisas faziam cada vez mais sentido. Em suas cartas dizia que era uma maldição da família Cavaleca, que apenas atingia as primogénitas e que a cura consistia na morte do patriarca de uma forma inexplicável. Fiquei chocada com aquela descoberta. Tinha passado sete dias de insónia e me recusava a comer. Dei por mim em uma outra sala, dessa vez com a espiral do teto invertida e com o responsável pela minha desgraça, Firmino Cavaleca, a olhar para mim.

Mal o vi, senti um forte arrepio no corpo, a minha mente começou a passar em fragmentos tudo o quanto havia vivenciado nesses anos, relacionando as novas descobertas

das cartas. Não sei como fiz aquilo, foi um movimento impulsivo, consegui tirar um bisturi, com as minhas poucas forças fiz um violento ferimento no pescoço do primeiro homem que vi, o outro que tentou se aproximar espetei-lhe uma seringa e corri, corri com toda a força que me restava. Vi num vulto os homens que foram feridos a serem socorridos.

O corredor, uma passagem estreita de curvas e contracurvas como que um labirinto, estava vazio, mas não interrompi a marcha nem voltei a olhar para trás, avancei até encontrar uma porta com uma placa verde a indicar saída. Quando o atravessei, dei por mim lançado numa imensa e sombria floresta.

Fui correndo aleatoriamente floresta adentro, trémula, mas muito

interessada na minha liberdade e na sobrevivência. Depois, ouvi alguns zumbidos, gritos macabros ecoavam entre as chanas e, com o susto, apenas me lembro de bater com a cabeça numa rocha que apareceu subitamente à frente.

Quando acordei, o lugar já me parecia familiar, a visão embaçada ia melhorando. Era no meu quarto. Ao redor, conversando em voz de fundo, os meus pais, a minha irmã e... ela, Luna Miluna a segurar minha mão. Assustei, eu estava trémula e tentava processar tudo, as lágrimas inundavam o meu rosto. Não percebia nada do que se estava a passar.

Luna Miluna, com seu jeito angelical segurou a minha mão e depositou-

lhe o medalhão que me havia oferecido quando nasci.

— Está tudo bem, Lana — Sorriu com os olhos fechados. A seguir deu-me um abraço. Não correspondi. Fitei os meus pais, Cavaleca usava um casaco de gola alta e abraçava Josefina, pareciam um casal exemplar e feliz.

Depois ouvi Cavaleca chamar pela Luna Miluna, mas antes de ela se virar e responder, baixou um pouco e sussurrou-me aos ouvidos:

— Tu estás certa, insano! — Após dizer isso, Cavaleca largou a mulher e aproximou-se a cama, pegou numa seringa e colocou algo no soro que descaia por entre a tubagem e entrava na minha veia. Depois começou um vulto, fiquei assim por

alguns instantes, até abraçar outra vez a escuridão.